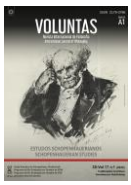
UFSM

VOLUNTAS
Revista Internacional de Filosofia
International Journal of Philosophy



ISSN 2179-3786
Acesso aberto

Voluntas, Santa Maria - Florianópolis, v. 17, n. 1, e97062, p. 01-14, 2026 • https://doi.org/10.5902/2179378697062
Submissão: 05/06/2026 • Aprovação: 08/11/2026 • Publicação: 13/11/2026

Estudos Schopenhauerianos

Por uma leitura especulativa da filosofia de Schopenhauer

Toward a speculative reading of schopenhauer's philosophy

Flamarion Caldeira Ramos[I]

[I] Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil

RESUMO

Trata-se de revisitar a confrontação entre as filosofias de Hegel e Schopenhauer, muito diferentes em suas linguagens e objetivos, mas aparentadas em seu esforço por superação dos limites impostos à razão pela crítica kantiana à metafísica. Uma das críticas fundamentais de Hegel às assim chamadas filosofias da reflexão (Kant, Reinhold, Jacobi e Fichte) é a equiparação entre razão e entendimento. Nelas, segundo Hegel, a razão apareceria circunscrita aos limites do entendimento, que assume o lugar de principal órgão do pensamento filosófico: daí o nome, "filosofia da reflexão". Isso trará como consequência a ausência de um pensamento especulativo nessas filosofias como expressão da cultura iluminista de época, compreendida como "cultura do entendimento". De forma análoga, ainda que partindo dos mesmos parâmetros das filosofias da reflexão, Schopenhauer apontará os limites da filosofia circunscrita às fronteiras do princípio de razão. Embora a razão seja vista primeiramente como uma faculdade dependente do entendimento e circunscrita a seus limites, a filosofia precisará encontrar uma via que ultrapasse essa limitação em busca de uma visão "para além do princípio de razão". Nossa hipótese de leitura é a de que Schopenhauer tenta expandir o seu conceito de razão no conceito de "Besonnenheit" e assim encontrar uma via especulativa para sua filosofia.

Palavras-chave: Schopenhauer; Hegel; Razão; Entendimento; Especulação

ABSTRACT

This paper seeks to revisit the confrontation between the philosophies of Hegel and Schopenhauer, which differ greatly in language and objectives, yet are akin in their shared effort to overcome the limits imposed upon reason by Kant's critique of metaphysics. One of Hegel's fundamental criticisms of the so-called philosophies of reflection (Kant, Reinhold, Jacobi, and Fichte) is their identification of reason with understanding. According to Hegel, in these philosophies reason appears confined within the limits of the understanding, which assumes the role of the principal organ of philosophical thought, hence the designation "philosophy of reflection." As a consequence, speculative thinking is absent from these philosophies, which express the Enlightenment culture of their time, understood as a "culture of the

Artigo publicado por *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia* sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

understanding." In a similar manner, although proceeding from the same parameters as the philosophies of reflection, Schopenhauer points to the limits of a philosophy confined within the boundaries of the principle of sufficient reason. Although reason is initially conceived as a faculty dependent upon the understanding and circumscribed by its limits, philosophy must find a path that transcends this restriction in search of a standpoint "beyond the principle of sufficient reason." Our interpretative hypothesis is that Schopenhauer attempts to expand his concept of reason through the notion of "Besonnenheit", thereby discovering a speculative path for his philosophy.

Keywords: Schopenhauer; Hegel; Reason; Understanding; Speculation

1 INTRODUÇÃO

A oposição entre Hegel e Schopenhauer quase sempre foi apreendida como irreconciliável. Para além da hostilidade de um lado e de outro, tendo em vista as invectivas schopenhauerianas, por um lado, e as rejeições pós hegelianas à filosofia schopenhaueriana (Fischer, Zeller e posteriormente Lukács e Losurdo) por outro, desde a morte de Schopenhauer em 1860, apareceram algumas tentativas de conciliação, ou comparação produtiva. Podemos mencionar brevemente: Eduard von Hartmann[1], Max Horkheimer[2], Wolfgang Weimer[3], Peter Engelmann[4] e Mathias Koßler[5], e mais recentemente Rometsch[6]: são abordagens bastante diversas, mas de alguma forma elas procuraram reconstruir a ponte aparentemente intransponível que liga os dois filósofos. Quando eu mesmo tentei essa reconstrução em minha tese de 2008[7], não se tratava tanto de mostrar qualquer tipo de identidade, muito menos de reafirmar uma já há muito estabelecida incompatibilidade. Para além de reconstruir a oposição de fundo filosófico por trás do anedotário em torno da fracassada tentativa de

[1] A obra de Eduard von Hartmann, *Schelling's positive Philosophie als Einheit von Hegel und Schopenhauer,* foi publicada em 1869.

[2] "O reconhecimento da estrutura lógica na natureza e no mundo humano, ao qual se chega, em Hegel, na doutrina da natureza e do espírito objetivo, não é de forma alguma algo muito distante da contemplação estética e filosófica em Schopenhauer como pareceu a ele mesmo". Horkheimer, M. *Die Aktualität Schopenhauers*, p. 20.

[3] Weimer, W. *Schopenhauer und Hegels Logik,* pp. 314-47.

[4] A proposta de Engelmann feita por ocasião do *Festschrift* de A. Hübscher publicado em 1982 é particularmente inspiradora para o que propomos neste artigo: "Não parece mais ter sentido jogar Schopenhauer contra Hegel, o melhor seria reler Hegel também com Schopenhauer e com ambos pôr a prova uma nova abordagem do pensamento filosófico" Engelmann, P. *Hegel und Schopenhauer: Eröffnung eines Forschungshorizons*, p. 247.

[5] A tese de Matthias Koßler publicada em 1990 é a principal referência da abordagem aqui proposta.

[6] Rometsch, Jens: *Wirklichkeitskonstitution und Erkenntniskonstitution bei Hegel und Schopenhauer*.

[7] *A miragem do absoluto. Sobre a contraposição de Schopenhauer a Hegel: Crítica, Especulação e Filosofia da Religião*. Tese apresentada à Universidade de São Paulo em 2008.

Schopenhauer de inserir-se no contexto da filosofia acadêmica alemã, no fundo, o que me pareceu mais interessante foi a proposta de resgatar o caráter especulativo da filosofia do autor de *O mundo como vontade e representação*, lido geralmente ou como estritamente ligado a Kant, ou como um metafísico pré-crítico. Me parecia então, que Schopenhauer era visto exclusivamente ou como um filósofo crítico, oposto radicalmente a qualquer tentativa de estabelecer um saber positivo sobre o metafísico, ou como um filósofo extravagante que procuraria restabelecer uma metafísica de cunho pré-crítico ou mesmo "mística". O caráter especulativo de seu pensamento fica mais evidente, porém, à medida em que se aprofunda o conhecimento de sua obra e a evolução do seu pensamento por meio dos seus manuscritos póstumos – nestes especialmente, o débito de Schopenhauer em relação a Fichte e Schelling fica mais evidente[8].

Ainda que partindo de Kant e resgatando da filosofia crítica boa parte do que os idealistas deixaram para trás, seu pensamento procura encontrar uma via para uma efetiva metafísica. Como isso é possível? Ser ao mesmo tempo crítico e metafísico? Pois bem, não se trata no espaço desse breve artigo de abordar a maneira como Schopenhauer reconstrói a metafísica, a descoberta da vontade como a "coisa em si", o argumento de analogia, a consideração da objetivação da vontade na natureza e daí por diante. Gostaria de me deter na maneira como o filósofo busca encontrar uma via especulativa, mesmo partindo de uma concepção de razão aparentemente ainda mais estreita do que aquela proposta por Kant.

1.1 Hegel e Schopenhauer: para além da razão como entendimento

Em sua teoria da representação, Schopenhauer concebe a razão como uma faculdade de conhecimento totalmente dependente do entendimento. Partindo do

8 Para a recepção de Schelling em Schopenhauer ver Jair Barboza, *Infinitude Subjetiva e Estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer* e também Höfele, P; Hühn, L. *Schopenhauer liest Schelling. Freiheits- und Naturphilosophie im Ausgang der klassischen deutschen Philosophie*. Sobre Fichte, veja o livro de Alessandro Novembre: *Il giovane Schopenhauer. L'origine della metafisica della volontà*.

conhecimento originado na intuição sensível, interpretada como "intuição intelectual" por conta do trabalho do entendimento que submete os dados sensíveis às formas do espaço e do tempo e à categoria da causalidade, a razão não saberia exercer qualquer função constitutiva. Ela apenas relaciona as intuições e cria, a partir delas, conceitos abstratos:

> Os conceitos, embora radicalmente distintos das representações intuitivas têm, contudo, com estas uma relação necessária, sem a qual eles não existiriam: esta relação constitui, pois, toda a sua essência e a sua realidade. A reflexão é necessariamente uma imitação, uma reprodução do mundo da intuição, embora seja uma imitação duma natureza muito especial em uma matéria inteiramente heterogênea. Além disso, pode-se dizer com muita exatidão que os conceitos são representações de representações[9].

Segue-se disso o caráter necessariamente secundário da razão: "ela é de natureza feminina: ela só pode dar depois de ter recebido. Por ela mesma nada tem a não ser a forma sem conteúdo de sua operação"[10].

É nesse contexto que Schopenhauer acusa Hegel e o idealismo pós-kantiano (Fichte, Schelling e também Jacobi) de terem desnaturado a razão e o entendimento, invertendo seus sentidos, fazendo do último uma capacidade de abstrair e da primeira uma faculdade metafísica capaz de conceber por si mesma ideias incondicionadas:

> Os professores de filosofia houveram por bem privar do nome que até então lhe fora atribuído aquela faculdade de pensar e meditar por meio da reflexão e dos conceitos, que distingue o homem do animal, que tem necessidade da linguagem e para ela capacita, da qual depende o discernimento (*Besonnenheit*) humano e com ele, todas as realizações humanas, que, em virtude disso, sempre foi concebida de tal modo e em tal sentido por todos os povos e também por todos os filósofos, de maneira a não mais denominá-la *razão*, mas sim – contra todo uso linguístico e toda sadia compreensão – *entendimento*, e do mesmo modo, chamar de *intelectual* (*verständig*) em vez de *racional* (*vernünftig*) tudo o que dela decorre; o que, entretanto, não poderia deixar de soar atravessado e canhestro, sim, como uma dissonância[11].

[9] W I, § 9, p. 48.
[10] W I, § 10, p. 59.
[11] G, p. 253.

Graças a essa inversão, a razão foi elevada a uma espécie de oráculo metafísico:

> A *razão*, à qual se atribui falsamente, com tal atrevimento, toda essa sabedoria, é explicada como sendo uma 'faculdade do suprassensível', ou também 'das idéias', em resumo, como uma faculdade oracular, inerente a nós, voltada imediatamente para a *metafísica*, de tipo oracular. Entretanto, sobre seu modo de percepção de todas essas magnificências e percepções suprassensíveis domina, há cinquenta anos, grande diferença de pontos de vista entre os adeptos. De acordo com os mais atrevidos, ela tem uma intuição racional imediata do absoluto, ou também *ad libitum* do infinito, e de suas evoluções em direção ao finito. Segundo outros, um pouco mais modestos, o modo como ela se comporta não é tanto vendo, mas ouvindo, uma vez que não intui propriamente, mas apenas *escuta* aquilo que se passa nessa cucolândia das nuvens (nefðelokokkygia), e então reconta isso fielmente ao assim chamado entendimento, que em segunda compõe compêndios filosóficos[12].

Essa crítica de Schopenhauer ao idealismo alemão e em especial a Hegel[13] nos obriga a investigar na obra desse último até que ponto a crítica do primeiro se justifica. Por se elevar a uma abordagem que pretende ultrapassar as limitações da "metafísica do entendimento", Hegel já esperava um tipo de crítica que consideraria a filosofia especulativa algo como um "misticismo". É nesse contexto que o autor aproxima, num adendo ao § 82 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, a especulação ao misticismo:

> A respeito da significação do especulativo, há que mencionar aqui que se tem de entender, por isso, o mesmo que antes se costumava designar como *místico* – sobretudo em relação à consciência religiosa e a seu conteúdo. Hoje em dia, quando se fala de místico, esse em regra geral conta como sinônimo de misterioso e inconcebível, e esse misterioso e inconcebível é então, segundo aliás a diversidade da cultura e da mentalidade, considerado por um como autêntico e verdadeiro, por outro como superstição e ilusão. Deve-se notar a propósito, antes de tudo, que o místico sem dúvida é algo misterioso; contudo, só para o entendimento, e de fato simplesmente porque a identidade abstrata é o princípio do entendimento, enquanto o místico (como sinônimo de especulativo) é a unidade concreta dessas determinações que para o entendimento só valem como verdadeiro em sua separação e oposição[14].

[12] G, p. 255.
[13] No parágrafo seguinte, o "mais atrevido de todos" é denominado como "o conhecido charlatão Hegel" (G, p. 257).
[14] Hegel, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas I: A Ciência da Lógica*, p. 168. Para uma análise do "especulativo" em Hegel e sua aproximação ao misticismo ver Wohlfart, G. *Der spekulative Satz*, pp. 67-74.

Essa passagem encontra-se na determinação do conceito da lógica quando Hegel expõe suas três formas, que na verdade devem ser apreendidas como seus três momentos: o primeiro é o lado abstrato, o pensar enquanto *entendimento* (*Verstand*), que fixa as determinações de maneira abstrata separando-as umas das outras sem reuni-las numa totalidade concreta (aqui o entendimento tem o sentido que a razão tem em Schopenhauer); o segundo é o momento *dialético* ou *negativamente* racional, o auto-suprassumir (*Sichaufheben*) de tais determinações abstratas e sua passagem (*Übergehen*) em suas determinações opostas; por fim, o terceiro momento é o *especulativo*, ou *positivamente* racional que apreende a unidade das determinações em sua oposição. É justamente esse terceiro momento que Hegel aproxima do misticismo: na verdade misticismo é uma denominação que o pensar que se fixa nas determinações abstratas do entendimento faz ao racional por não conseguir se elevar ao pensamento de algo verdadeiramente concreto. Da mesma forma, se fala de especulação como algo meramente pensado, subjetivo sem realidade. Mas segundo a concepção hegeliana, o especulativo não é "algo puramente subjetivo; mas é antes, expressamente o que contém em si mesmo, como suprassumidas, aquelas oposições em que o entendimento permanece (portanto também aquela [oposição] entre o subjetivo e o objetivo) e justamente por isso se mostra como concreto e como totalidade"[15].

Essa concepção do especulativo, entretanto, não diz respeito a uma compreensão imediata do absoluto por intuição intelectual, ou pelo sentimento imediato. Hegel critica não apenas Schelling, mas toda a concepção de sua época que considera que se pode pensar o absoluto sem mediações conceituais. O filósofo nega que a "intuição intelectual" possa estar de acordo com o estatuto científico da filosofia[16].

[15] Hegel, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas I: A Ciência da Lógica,* p. 168.

[16] A critica de Hegel, expressa no prefácio da *Fenomenologia do Espírito,* é célebre: "Opor este saber único, que no absoluto tudo é igual, ao conhecimento diferenciado e cumprido ou que procura e exige o cumprimento – , ou fazer passar o seu *absoluto* pela noite em que, como se costuma dizer, todos os gatos são pardos, é a ingenuidade do vazio no conhecimento" (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 22). Nesse ponto Schopenhauer se une a Hegel ao rejeitar uma faculdade de acesso imediato ao essencial do mundo, sem mediação. No adendo ao primeiro ensaio dos *Parerga e Paralipomena* intitulado *Esboço de uma história da doutrina do ideal e do real,* Schopenhauer

Não teremos espaço aqui para apresentar tudo o que está em jogo no projeto sistemático de Hegel e muito menos como ele o justifica. É entretanto, fácil de ver que a crítica de Schopenhauer, expressa de uma maneira sumária[17], dificilmente consegue penetrar no cerne do pensamento de Hegel. Ao contrário, estaríamos inclinados a ver nessa crítica um lugar comum da epóca[18] que não chega a fornecer uma crítica efetiva. A partir da especificidade do pensamento hegeliano, que não se deixa tomar por um conjunto de afirmações sobre a realidade, alguns comentadores insistem na dificuldade de se contrapor a Hegel através de teses opostas[19]. Em sua obra sobre Hegel, Gérard Lebrun assinala que a filosofia hegeliana, enquanto *discurso*, não se deixa objetar. Porque dissolve todas as categorias da representação e da finitude, ela é ontologicamente neutra, um discurso liberado de toda hipótese e de todo princípio e que não dá o direito de ser caracterizada pelos princípios que ela mesma previamente negou. Ora, se é assim, segundo Lebrun,

> se a filosofia de Hegel rompeu toda ligação com a representação, ela não é mais uma doutrina. E se ela não é mais uma doutrina, não há nada a objetá-la. É somente a uma doutrina que se tem o direito de endereçar objeções. Mas um discurso, não só podemos tomá-lo, nele passear, ou passear em outro lugar. Não se objeta nada a um discurso, da mesma forma que a um caminho ou paisagem[20].

Nesse sentido, também a crítica de Schopenhauer, ao opor à filosofia especulativa uma concepção limitada de razão, também não vai muito longe pois desconsidera a crítica de Hegel a Kant e a relaboração do especulativo a partir da filosofia crítica[21]. Como diz Lebrun, "quando Schopenhauer fala do 'dogmatismo

afirma "Esses *conceitos* e *pensamentos*, que constituem a classe das representações *não intuitivas*, não têm, portanto, nunca uma relação *imediata* com a *essência e o ser em si* das coisas, mas sempre apenas uma relação *mediada*, a saber, por intermédio da intuição" (P I, SW IV, p. 36). É claro, porém, que Schopenhauer se aproximará mais de Schelling em sua proposta de um conhecimento intuitivo das ideias no domínio da estética.

[17] "Meu juízo sobre Hegel eu formulei sumariamente: pois um ajuizamento detalhado da minha parte sobre o que é tão ruim e inepto não vale a pena". HN IV (1), p. 208.

[18] Feuerbach rejeita a dissolução da experiência sensível na filosofia de Hegel e, ao mesmo tempo, por pairar acima de toda realidade concreta, converte-se numa "mística racional" (Feuerbach, L. *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*, p. 53). Essa expressão – como todo o aparato crítico feuerbachiano – também será usada por Marx para caracterizar a Lógica de Hegel. Cf. K. Marx, *Manuscritos Econômico-Filosóficos,* p. 36.

[19] Cf. Châtelet, F. *O Pensamento de Hegel.* p. 143.

[20] Lebrun, G. *La Patience du Concept,* p. 222. Uma abordagem semelhante a esta encontraremos no texto de Engelmann acima citado.

[21] Cf. Wohlfart, G. *Der spekulative Satz,* p. 74.

hegeliano', sua linha de ataque continua sendo kantiana: para ele, Hegel é antes de mais nada um dos 'fanfarrões', dos 'charlatães' que pretenderam enfrentar o interdito kantiano e revelar a essência das coisas"[22].

1.2 Por uma leitura especulativa de Schopenhauer

Um outro caminho possível seria investigar se a concepção schopenhaueriana de razão seria *de fato* tão limitada quanto parece à primeira vista: ou seja, se a metafísica de Schopenhauer não seria uma expressão do especulativo em seu pensamento. Apesar de defini-la como uma mera faculdade de abstração, sem nenhuma característica positiva (como o entendimento em Hegel), a razão que se vê efetivamente em operação em sua metafísica vai muito além das formas limitadas do princípio de razão. Ao que nos parece, Schopenhauer parece atribuir à razão um papel bem menor no conhecimento efetivo da essência do mundo – o que ele chama de metafísica – do que ela efetivamente desempenha em sua filosofia. Apesar de definir claramente a atividade filosófica como uma atividade racional, que lida com conceitos abstratos, o autor destaca o papel do conhecimento intuitivo e de noções que dão somente uma indicação também vaga da reflexão filosófica. Dentre essas expressões se destaca o termo *Besonnenheit* constantemente traduzido por clarividência, clareza de consciência, lucidez ou discernimento[23]. Essa palavra, de difícil tradução para o português, aparece em Schopenhauer com um sentido próximo ao sentido das palavras "*Reflexion*", "*Tiefsinn*", "*Denkkraft*", entre outras, e significa, em geral, a capacidade humana de pensar refletidamente, isto é, abstratamente e a partir de conceitos. É essa capacidade do intelecto humano de trabalhar com conceitos que se chama propriamente *pensar*. Essa capacidade, diz Schopenhauer na segunda edição da dissertação *Sobre a Quadrúplice Raiz* (1847),

[22] Lebrun, G. *O Avesso da Dialética,* p. 53.

[23] Vale notar que *Besonnenheit*, que vem de *besinnen* (lembrar-se, recordar-se, refletir, voltar a si), é a palavra que se usa em alemão para traduzir a palavra grega sofrosine, em latim "temperantia". Sobre discernimento [*Besonnenheit*] e conceito por Schopenhauer, cf. Koßler, M. *Sobre o papel do discernimento [Besonnenheit] na estética de Arthur Schopenhauer*, pp. 19-35.; e Novembre, A. *Schopenhauers Verständnis der Fichte'schen „absoluten Besonnenheit"*. pp. 53-62.

> é também designada pela palavra *reflexão* (*Reflexion*) que, enquanto *tropus* ótico, expressa ao mesmo tempo o caráter derivado e secundário dessa espécie de conhecimento. Agora, esse pensamento, essa reflexão confere ao homem o *discernimento* (*Besonnenheit*), que falta ao animal. Pois, ao capacitá-lo a pensar mil coisas por meio de *um único* conceito, e em cada um deles sempre apenas o essencial, ele pode desconsiderar a bel-prazer toda espécie de diferença de todo tipo, portanto também aquelas de espaço e tempo, por meio do que adquire em seus pensamentos a visão abrangente do passado e do futuro, assim como daquilo que está ausente, enquanto o animal, de todos os pontos de vista, está atado ao presente. Ora, esse discernimento, por seu turno, portanto a capacidade de *discernir*, de vir a si, é propriamente a raiz de todas as suas realizações teóricas e práticas, pelas quais o homem em tanto excede os animais; a saber, primeiramente a preocupação com o futuro mediante consideração do passado, em seguida o procedimento intencional, planejado e metódico em todo propósito; em razão disso a atuação conjunta de muitos com vistas a uma finalidade, e com isso a ordem, a lei, o Estado, etc[24].

Numa passagem da *Crítica da Filosofia Kantiana,* esse aspecto autoconsciente da *Besonnenheit* presente na passagem acima citada é ainda mais claramente ressaltado.

> Se o animal é escravo do presente, no homem nasceu com o dom da razão a lucidez (*Besonnenheit*). Esta lhe permite, mirando o passado e o futuro, ter uma visão de conjunto do todo de sua vida e do curso do mundo, torna-o independente do momento presente, permite-lhe ponderar e executar obras de maneira planejada, com deliberação, tanto para o mal quanto para o bem. Mas o que o homem faz, fá-lo com plena autoconsciência. Sabe exatamente como sua vontade decide e o que escolher em cada ocasião, e qual outra escolha seria possível de acordo com o caso, e, a partir desse querer autoconsciente, aprende a conhecer a si mesmo, espelhando-se nos próprios atos[25].

Não apenas na estética e na ética está em jogo um elevar-se das formas fixas do princípio de razão, mas a própria reflexão filosófica exige um tipo de especulação diferente da mera razão "instrumental' (a razão como instrumento da vontade), e que Schopenhauer ora chama de "conhecimento intuitivo", "clareza de consciência" e "modo de conhecimento alterado", sem, contudo, oferecer maiores explicações.

[24] G, p. 231.

[25] W I, p. 614. Enquanto Jair Barboza traduz aqui *Besonnenheit* por "clareza de consciência" (Cf. W I, p. 643), Maria Lúcia Cacciola traduz por "discernimento" (Cf. Schopenhauer, A. *Crítica da Filosofia Kantiana*, p. 168).

Se para o gênio artístico é essencial a fantasia, para o gênio filosófico – e há de fato um "discernimento filosófico" (*philosophische Besonnenheit*)[26] – o instrumento essencial é a reflexão e com esse instrumento o filósofo opera sua matéria, os conceitos. Como afirma Koßler, "o discernimento (*Besonnenheit*) filosófico se diferencia do discernimento artístico pelo fato de que ele não iguala essa fantasia subjetiva à verdade objetiva, mas a reflete em sua subjetividade e assim, por meio da *reflexão* que o atravessa é *compreender especulativo* (*spekulative Begreifen*)"[27].

Especulação imanente, sem dúvida, pois se baseia no mundo empírico representado na consciência e na consciência de si, e com todas as limitações que Schopenhauer não se cansou de reafirmar, mas ainda assim *especulação*[28]*.* Nesse sentido o autor fala em *especulação metafísica* para designar a abordagem metafísica do fenômeno empírico da compaixão em *Sobre o Fundamento da moral*: "Certamente este processo é digno de espanto e até misterioso. É, na verdade, o grande mistério da ética, seu fenômeno originário e o marco além do qual só a *especulação metafísica* (*metaphysische Spekulation*) pode ariscar um passo"[29].

Essa interpretação especulativa da filosofia de Schopenhauer que trago aqui na esteira de Koßler[30], tenta trazer ao conceito o que na filosofia de Schopenhauer não se

[26] Cf. W I, § 1, p. 3. Uma interessante ampliação do conceito de "Besonnenheit" é proposta por Luan C. da Silva no artigo "A unidade ética em "O mundo como vontade e como representação" de Schopenhauer". pp. 4–15.
[27] Koßler, M. *Substantielles Wissen und subjektives Handeln,* p. 162.
[28] Muitos comentadores ressaltam a contradição presente em Schopenhauer entre esse tipo de especulação metafísica e a abordagem naturalista e materialista presente em sua filosofia. Eles são quase unânimes em afirmar que as duas tendências de sua filosofia permanecem sem mediação uma com a outra. Para Koßler, a contradição na teoria da individuação de Schopenhauer (em que por um lado opera um modelo de individuação a partir da forma do conhecimento – *principium individuationis* – e por outro, a partir da teoria das ideias, como *forma substantialis*), se deve ao fato de o autor "não ter (para usar uma expressão costumeira em Hegel) combinado os dois pensamentos" e tê-los "deixado um sem relação com o outro". Koßler, M. *Substantielles Wissen und subjektives Handeln*, p. 118.
[29] E II, p. 209, grifos nossos.
[30] "A metafísica de Schopenhauer é especulativa no duplo sentido em que ela é, por um lado, construção como desenvolvimento temporalmente exposto da vontade que é em si (*ansichseienden*) para a ideia mais elevada em uma gradação sequencial de ideias e, por outro, na medida em que esse desenvolvimento é compreendido como a essência do mundo sempre igual a si mesma, a qual está expressa em toda ideia individual de modo completo e inteira, e é o espelho da verdadeira essência do mundo. O especulativo torna o desenvolvimento das ideias um movimento dialético, que se torna objetivo na ideia mais elevada, a do homem individual, como experiência da consciência. O conhecimento completo do caráter, tal como é essa experiência em sua simplicidade, é a coincidência da reflexão e da imediatidade na ação moral e com isso como autoconhecimento da vontade a compreensão filosófica da ideia não apenas segundo sua forma, como na arte, mas também segundo seu conteúdo como simples essência do mundo" (Koßler, M. *Substantielles Wissen und subjektives Handeln*, p. 162).

deixa descrever conceitualmente, a saber, a possibilidade de um conhecimento efetivo da essência do mundo pela própria essência do mundo. Schopenhauer a teria tomado por incorreta, impossível e desnecessária – como Koßler mesmo o admite[31]. Ele entende, porém, que esse recuo do filósofo se deve ao fato de Schopenhauer ter se prendido a sua teoria do conceito desenvolvida de maneira puramente dianológica (*erkenntnistheoretisch*), sem levar em conta o fato de que tal teoria deveria ser revista à luz de sua metafísica[32]. Todavia, tal interpretação nos ajuda a pensar a contraposição de Schopenhauer a Hegel, pois permite uma consideração *especulativa* da filosofia de Schopenhauer, o que torna possível uma comparação que permite ir além da mera constatação da exterioridade completa dos dois autores.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, há muito mais profundas divergências do que semelhanças entre o triunfante especulativo hegeliano e esse tímido especulativo em Schopenhauer. Mas vale a pena reconstruir essa leitura especulativa em Schopenhauer e deixar de ver Schopenhauer apenas como aquele que abriu a filosofia ao irracional e ao inconsciente, mas também como um filósofo insatisfeito com uma concepção meramente instrumental da razão. Creio que Horkheimer não tenha apenas se inspirado no pessimismo schopenhaueriano para propor uma *crítica da razão instrumental*, mas ao aproximar Schopenhauer e Hegel em algumas passagens importantes de sua obra, também tinha em vista a reconstrução de uma concepção objetiva de razão. Gostaria de concluir então com uma passagem do *Eclipse da Razão* de Horkheimer que utilizei como epígrafe de minha tese. Ela expressa um elogio da atividade especulativa da razão na contramão do desprezo contemporâneo da metafísica:

> Na nossa época, o intelectual não está, de fato, isento da pressão que a economia exerce sobre ele para satisfazer as demandas sempre cambiantes da realidade. Por consequência, a meditação, que visava à eternidade, é suplantada pela inteligência pragmática, que visa ao momento seguinte. Em vez de perder seu caráter de privilégio, o

31 Koßler, M. *Substantielles Wissen und subjektives Handeln*, p. 163.
32 Cf. Koßler, M. *Substantielles Wissen und subjektives Handeln*, p. 163.

> pensamento especulativo é liquidado como um todo - e isso dificilmente pode ser chamado de progresso. É verdade que, nesse processo, a natureza perdeu seu caráter fabuloso, sua *qualitates ocultae*, mas, completamente despojada da oportunidade de falar por meio das mentes dos homens, mesmo que na linguagem distorcida desses grupos privilegiados, a natureza parece vingar-se[33].

REFERÊNCIAS

Barboza, J. *Infinitude subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer*. São Paulo: UNESP, 2005.

Chatelet, F. *O Pensamento de Hegel*. 2ª ed. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

Düsing, K. Spekulation und Reflexion. Zur Zusammenarbeit Schellings und Hegels in Jena. In: *Hegel-Studien,* n. 5, 1969, pp. 95-128.

Engelmann, P. Hegel und Schopenhauer: Eröffnung eines Forschungshorizons. In: Schirmacher, W. (Org.) *Zeit der Ernte. Studien zum Stand der Schopenhauer Forschung, Festschrift für Arthur Hübscher zum 85. Geburtstag*. StuttgartBad Cannstatt, 1982, pp. 240-7.

Ferreira, M. J. C. *Hegel e a Justificação da Filosofia (Iena, 1801-1807).* Lisboa: IN-CM, 1992.

Feuerbach, L. *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*. Berlim: Akademie Verlag, 1990.

Foucher de Careil. *Hegel y Schopenhauer*. Trad. esp. de Eduardo Ovejero. Madrid: La España Moderna, 1915.

Hartmann, E. von. *Schelling's positive Philosophie als Einheit von Hegel und Schopenhauer*. Berlin, Otto Lowenstein, 1869.

Hegel, G. W. F. *Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling.* Trad. Carlos Morujão, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

Hegel, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas I: A Ciência da Lógica;* Trad. P. Meneses. São Paulo, Loyola, 1995.

Hegel, G. W. F. *Fé e Saber, ou a filosofia da reflexão da subjetividade na completude de suas formas enquanto filosofias kantiana, Jacobiana e Fichteana.* Trad. Oliver Tolle, São Paulo: Hedra, 2007.

Hegel, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito.* Trad. Paulo Meneses, Petrópolis, Vozes, 1992, 2 vols.

Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt: Suhrkamp, 1970.

[33] Horkheimer, M. *Eclipse da Razão,* p. 117.

Hegel, G. W. F. *Theorie-Werkausgabe. Werke in 20 Bänden*; Organizadas por Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt, Suhrkamp, 1970.

Horkheimer, M. Die Aktualität Schopenhauers. In: *Schopenhauer Jahrbuch*, N. 42. Frankurt am Main, 1961, pp. 12-25.

Horkheimer, M. *Eclipse da Razão*. Trad. de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Unesp, 2015.

Höfele, P; Hühn, L. *Schopenhauer liest Schelling. Freiheits- und Naturphilosophie im Ausgang der klassischen deutschen Philosophie*. Stuttgart-Bad Cannstatt, Frommann-holzboog, 2021.

Hübscher, A. *Denker gegen den Strom.* Bonn: Bouvier, 1973.

Koßler, M. Sobre o papel do discernimento [Besonnenheit] na estética de Arthur Schopenhauer. In: Debona, V.; et al. (Orgs.). *Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade. Uma homenagem a Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola.* Curitiba: Editora UFPR, 2015, pp. 19-35.

Koßler, M. *Substantielles Wissen und subjektives Handeln: dargestellt in einem Vergleich von Schopenhauer un Hegel*. Frankfurt a. M., Bern, Paris, New York: Lang, 1990.

Lebrun, G. *La patience du concept. Essai sur le discours hégélien*. Paris: Gallimard, 1972.

Lebrun, G. *O Avesso da Dialética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Marx, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Trad. de José Carlos Bruni. In: Coleção "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 3ª. edição, 1985.

Novembre, A. *Il giovane Schopenhauer. L'origine della metafisica della volontà*. Milão, Udine: Mimesis, 2018.

Novembre, A. Schopenhauers Verständnis der Fichte'schen „absoluten Besonnenheit. In: *Schopenhauer-Jahrbuch,* N. 93, 2012, pp. 53-62.

Rometsch, Jens: Wirklichkeitskonstitution und Erkenntniskonstitution bei Hegel und Schopenhauer. In: *Schopenhauer-Jahrbuch,* n. 92, 2011, pp. 69–86.

Schmidt, A. *Idee und Weltwille. Schopenhauer als Kritiker Hegels.* Munique, Viena: Edition Akzente, 1988.

Schopenhauer, A. *Crítica da Filosofia Kantiana.* Trad. de Maria Lúcia Cacciola, In: Coleção "Os Pensadores", Abril Cultural, São Paulo, 4ª ed., 1988.

Schopenhauer, A*. Der Handschriftliche Nachlass.* Editados por Arthur Hübscher. 1985, 5 vols (HN).

Schopenhauer, A. *Die Beiden Grundprobleme der Ethik, II: Über das Fundament der Moral.* Wiesbaden: Brockhaus, 1972. (E II)

Schopenhauer, A. *Die Welt als Wille und Vorstellung.* Wiesbaden: Brockhaus, 1972. (W)

Schopenhauer, A. *O Mundo Como Vontade e Como Representação.* Tomo I. 2ª ed. Trad. de Jair Barboza, São Paulo: Unesp, 2015.

Schopenhauer, A. *Sämtliche Werke*. Editadas e comentadas criticamente por Arthur Hübscher, Wiesbaden: Brockhaus, 1972. (SW)

Schopenhauer, A. *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente: Uma dissertação filosófica*. Trad. Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019 (G).

Silva, L. C. da. (2018). A unidade ética em "O mundo como vontade e como representação" de Schopenhauer. In: *Voluntas: Revista Internacional De Filosofia*, v, 9, n. 2, 2018, pp. 4–15. DOI: https://doi.org/10.5902/2179378635344

Weimer, W. "Schopenhauer und Hegels Logik". In: Salaquarda, J. (Org.) *Schopenhauer*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985, pp. 314-47.

Wohlfart, G. *Der spekulative Satz*. *Bemerkungen zum Begriff der Spekulation bei Hegel*. Berlin: Walter de Gruyter, 1981.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

1 – Flamarion Caldeira Ramos
Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0000-0002-4757-6280 • flamarioncr@yahoo.com.br
Contribuição: Escrita – Primeira Redação

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Ramos, F. C. Por uma leitura especulativa da filosofia de Schopenhauer. *Voluntas Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria - Florianópolis, v. 17, n. 1, e97062, p. 01-14, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.5902/2179378697062.